



Daniel Oliveira

danieloliveira.lx@gmail.com

OS IDIOTAS

S abemos que uma ideia absurda fez o seu caminho e se tornou finalmente perigosa quando os idiotas que repetem as frases feitas de cada momento a começam a papaguear. Esta semana, num programa na RTP, um publicitário que costuma ser chamado para falar da “marca Portugal” dizia isto: “Esta crise é uma dádiva”. E comparava-a a uma cura: ela tem dor, mas é uma oportunidade (o nosso Presidente acha o mesmo). A opinião do senhor, que nunca deve ter tido uma de sua autoria, interessa-me pouco. O que é relevante é que o disparate fez o seu caminho e chegou à base da pirâmide intelectual.

O senhor Leite Campos, vice do PSD, acha que os apoios sociais são para “aldrabões”, que a classe média/baixa recebe cinco mil euros limpos por mês e que os miseráveis ganham mil euros. Está longe de ser o único a viver neste Portugal imaginário. A nossa elite, afastada do resto da população pela desigualdade, não conhece o país onde vive. E nós só sentimos empatia por aquilo que conhecemos. É por isso natural que o tal publicitário fale, com um sorriso cândido nos lábios, da “dádiva” da crise. E não se aperceba da brutalidade e irreversibilidade da dor a que se refere.

Talvez tenhamos de abandonar as folhas de Excel para explicar o que é uma crise. Para um português comum que perca o emprego ou veja o seu rendimento drasticamente reduzido não se trata de sacrifícios. Se lhe tiramos os apoios sociais e os serviços públicos é a miséria que o espera. E a miséria não é apenas uma palavra. É perder a casa. É não poder comprar livros para os filhos. É desistir de medicamentos indispensáveis. É deixar de pagar as dívidas. Não é da Pobreza, com ‘P’ grande, que estou a falar. É aquela com ‘p’ pequeno, quotidiana, insuportável, angustiante. É que quando se fala de sacrifícios fica-se com a ideia de que estamos a falar de mais um esforço. Cortar no supérfluo. E é normal que quem pensa que um português de classe média/baixa recebe cinco mil euros e um pobre mil euros ache que é disso que se trata. Só que o salário médio de um trabalhador por conta de outrem é de 780 euros. Não chega para o básico. Quase 40 por cento recebem menos de 600 euros. E estes, nas estatísticas, nem pobres são. Ponham-lhe as reformas de duzentos euros, os desempregados e os precários que trabalham quando calha e percebam que os sacrifícios, para a maioria dos portugueses, são um quotidiano antigo. O que vem agora são escolhas dramáticas, entre a dignidade mínima e a degradante sobrevivência.

Dádiva? Cura? Oportunidade? De que fala esta gente? Em que país vivem? Num país onde a elite fabrica as ideias da moda, os idiotas as repetem, os políticos as aplicam e as vítimas as aceitam.

O INEVITÁVEL

A troika obrigou Portugal a baixar a Taxa Social Única. E o bloco central quer cumprir com zelo. A médio prazo, será a sustentabilidade da segurança social que estará em causa. Lembrem-se do que nos diziam quando mexeram nas reformas? Que era indispensável para as recebermos quando chegar a nossa vez. Sabemos o que nos dirão daqui a uns anos: não há dinheiro. Que nada se pode contra o inevitável. Só que para o inevitável acontecer basta fazer com que ele aconteça. E há sempre alguém que lucra com a coisa.